

EDUCAÇÃO: MUDANÇAS, DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Angela Barros Fonseca Berto

Mestre em Educação/Curso de Pedagogia/ISECENSA/RJ
angela.berto@ibest.com.br

Patrícia Seixas Tinoco Rabelo

Especialista em Psicopedagogia com Ênfase em Domínios da Arte/ISECENSA/RJ
Especialista em Educação Inclusiva e Recreação/FAFIC/RJ
patriciatinoco3@gmail.com.br

Shayane Ferreira dos Santos

Especialista em Psicopedagogia Institucional e Empresarial/ISECENSA/RJ
Mestranda em Ciência da Educação – UAA/Assunção
shayaneferreira@yahoo.com.br

RESUMO

Este estudo teve como objetivo compreender as mudanças, os desafios e as perspectivas para a educação nos tempos atuais. Três desafios nos impulsionaram neste estudo: a alfabetização, a inclusão e a participação das famílias na vida escolar dos alunos. Fatores relativos à vida extra-escolar dos alunos impactam no aprendizado, o contexto familiar do qual a criança se origina, a escolaridade dos pais, a valorização que a família atribui à escolarização, a preocupação com a boa trajetória dos filhos, o acompanhamento dos estudos e a participação efetiva na vida escolar dos estudantes são elementos centrais para um aprendizado eficiente. Neste contexto, a inclusão, em seu sentido mais amplo, se apresenta como um grande desafio. Muitas são as realidades que coexistem na escola e precisam estar harmonicamente inseridas neste contexto de aprendizagem. Foi realizado um estudo bibliográfico referente aos desafios supracitados utilizando-se como principais nomes de referência Capovilla (2003), Ferreira (1996), Oliveira (2004), Pereira (2005), Nérici (1972), Vygotsky (1984), Booth e Ainscow (2002), Sanchez (2003). Concluímos que é preciso preparar os alfabetizadores para que possam permitir que os aprendizes de leitores adquiram as competências necessárias antes de iniciarem o processo de alfabetização. É preciso também que a família busque se interessar pelo que acontece na escola, agindo politicamente, criando rotinas previsíveis e estruturadas em casa de forma a acompanhar o desempenho escolar das crianças. Além disso, faz-se necessário a criação de um ambiente escolar inclusivo, que reconheça e harmonize as diferenças existentes, sejam elas culturais, físicas, afetivas.

Palavras-chave: alfabetização; inclusão; aprendizagem; família.

1. INTRODUÇÃO

A educação no Brasil tem apresentado sinais, apesar de insuficientes, de que uma mudança de perspectiva na alfabetização já está acontecendo. O país está mudando rumo ao desenvolvimento, ao progresso social e cultural e por isso podemos falar de mudanças no processo de alfabetização. Não se pode negar que paralelo ao fato, lutas são constantes, difíceis e incertas. E o mais importante, não são lutas independentes, visto que uma é frente para o desenvolvimento da outra.

Ao falar de alfabetização João Oliveira (2004) baseia-se numa corrente científica ainda pouco praticada e quase desconhecida ou mesmo aceita no Brasil, a chamada: Ciência Cognitiva da Leitura, cujo estudo vem crescendo muito ao longo das últimas três décadas. Sabe-se que a capacidade de leitura de um indivíduo está sempre permeada por duas fundamentais características: a primeira revela que esta capacidade é uma das mais complexas do ponto de vista da organização cognitiva e cerebral e a segunda que é um

produto da história da humanidade e portanto só se torna possível enquanto aproveitamento de capacidades biologicamente determinadas. Assim sendo, sua aquisição é um empreendimento difícil, pois exige: esforço pessoal e instrução adequada. Seu sucesso ou insucesso influencia e porque não mencionar determina o futuro social do aprendiz de leitor.

O estudo cognitivo da leitura pode hoje ser chamado de ciência por dois fatores determinantes: constituiu-se numa base interdisciplinar reunindo psicologia cognitiva, linguística e neurociências, numa dinâmica própria; seu método, verificação experimental de hipóteses no laboratório e fora dele demonstra alta capacidade explicativa da leitura competente e sua aprendizagem.

Logo, esta ciência pode ou poderá ser uma importante ferramenta de mudança na maneira de conceber, compreender, planificar e praticar a alfabetização no Brasil, entendendo que as concepções de alfabetização, dominantes no Brasil, não são coerentes como que a Ciência Cognitiva de Leitura vem descobrindo e pretende propor princípios pedagógicos eficientes para a alfabetização.

O educador e pesquisador João Oliveira já citado anteriormente, diante do estudo da Ciência Cognitiva de Leitura propõe demonstrar que além de explicitar o princípio alfabético e as elementares relações grafema-fonema, usando materiais didáticos de eficácia comprovada, deve reabilitar os proscritos, esquecidos por certas concepções de alfabetização que o Brasil vem praticando em seus espaços educacionais, são eles: a memorização, a caligrafia, o ditado e a cópia.

As pesquisas mostram que, além de uma boa alfabetização e um bom professor, nada melhora mais o desempenho escolar do que o envolvimento dos pais no processo educacional. Para as crianças, os adultos são modelos de comportamento e a forma como agem diante de situações boas, prazerosas ou situações difíceis, complicadas, é um referencial fundamental para sua formação.

Antes do surgimento da escola, crianças e jovens eram educados na família ou na comunidade e somente as elites mandavam seus filhos para colégios internos. Somente no século XIX, nas sociedades modernas, é que a educação passou a ser sinônimo de escola, com uma organização específica: currículo seriado, sistema de avaliação, níveis, diplomas, professores, professoras e outros profissionais especializados.

Com a globalização, a educação das nossas crianças passou por um processo de mudança. Pai e mãe que antes tinham uma participação mais efetiva na educação dos seus filhos são obrigados a trabalhar e os deixarem numa creche, com uma babá, com os avós, com um parente próximo ou até mesmo com um vizinho. Muitas dessas pessoas não estão preparadas para acompanhar a educação escolar dessas crianças que sem a participação dos mesmos, torna-se difícil para um melhor aprendizado.

Não há dúvidas de que os fatores familiares da criança interferem no emocional apresentando comportamentos prejudiciais ao desempenho escolar. Quando os pais participam da educação dos filhos, eles aprendem mais e melhor. Com o apoio deles, as crianças se sentem mais seguras, motivadas, estimuladas, com vontade de aprender.

O acompanhamento periódico dos pais na escola é fundamental para as mudanças no processo pedagógico e para uma educação de qualidade. Com a participação dos pais no sistema educacional dos seus filhos e a criação de atividades nas escolas visando esclarecer as dificuldades e buscando soluções para as mesmas, é possível que haja uma melhora significativa na educação escolar.

Juntamente com a boa preparação do alfabetizador e do envolvimento dos pais no processo de elaboração do conhecimento, outro aspecto torna-se relevante: a inclusão desses alunos no ambiente escolar. Quando falamos de inclusão, pensamos logo, erroneamente, nos alunos com NEAE (Necessidades Específicas de Apoio Educativo). Porém, a inclusão diz respeito a toda necessidade especial, seja de caráter físico, cultural, afetivo.

Este assunto emerge na sociedade de uma forma muito polêmica, pois falta preparação profissional, estrutural e afetiva dos atores educacionais para lidar com as diferenças. Temos a tendência à homogeneização, pois um ambiente assim é mais fácil para alcançarmos nossos objetivos de aprendizagem. Porém, vale ressaltar que é na diversidade que se encontra a complementaridade. A diferença gera aprendizado e cabe ao educador buscar esse viés e priorizá-lo em suas aulas.

A inclusão constitui-se hoje um grande desafio a ser superado por todas as instâncias educativas e para essa superação acontecer, é necessária uma reestruturação de todo o modelo educativo adotado, pois o que vemos nas escolas é somente a integração das crianças, de forma assistemática, não se constituindo assim um modelo realmente inclusivo que oportunize condições de aprendizagem igualmente democrática.

2. METODOLOGIA

Este trabalho é um estudo bibliográfico referente aos temas alfabetização, inclusão e participação da família no desempenho escolar das crianças. Recorremos a autores que aprofundam estes temas, tais como Capovilla (2003), Ferreiro (1996), Oliveira (2004) Pereira (2005), Nérici (1972), Vygotsky (1984), Booth e Ainscow (2002), Sanchez (2003).

Deseja-se com esse trabalho de pesquisa, levantar questões que interferem no processo de alfabetização dos alunos, na inclusão bem como na busca de alternativas para um bom rendimento escolar. Investigar bibliograficamente na tentativa de buscar as melhores soluções para os mais diversos desafios enfrentados na educação escolar dos alunos. Entendemos que, para uma melhor interpretação das questões levantadas, faz-se necessário uma coletânea a autores, que tenham contribuído com suas investigações e que possa fomentar o aprofundamento deste estudo.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A filosofia do ensino da leitura no Brasil é embasada pela concepção do Construtivismo Psicogenético, o qual foi aplicado à linguagem escrita por Emília Ferreiro (1996) e colaboradoras. Suas contribuições foram de grande valia pois chamaram a atenção dos estudiosos e praticantes da alfabetização para a importância das representações mentais que o aprendiz tem da escrita antes da aprendizagem da leitura.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) foram inspirados por concepções do chamado Construtivismo. Passamos a estudá-lo enquanto um postulado subjacente a certas teorias científicas, como por exemplo, o nativismo. Um postulado só se torna contraproducente quando diante de evidências acaba sendo visto como um dogma. O postulado no Construtivismo é que o ser humano se constrói. Construir é explicitamente estar ativo, estar em ação, e isto não significa que para todas as outras teorias que não são construtivistas, o indivíduo que se desenvolve e aprende seja passivo.

Esta visão de alfabetização como um processo de resolução de problemas que exige elaborar e provar hipóteses e inferências encontra-se ultrapassada e pouco coerente afinal o processo de aprendizagem da leitura e da escrita envolve a articulação de processos conscientes e inconscientes. Os estudos experimentais apresentam informações que sem estimulação apropriada a grande maioria das crianças é incapaz de descobrir como o sistema alfabético representa a linguagem oral, tomar consciência do sistema alfabético requer uma instrução adequada. Logo, se faltar a consciência dos fonemas a instrução direta do princípio alfabético é impossível. Desta forma, o alfabetizador precisa propor ao alfabetizando os materiais adequados para que possa assim efetuar sobre eles uma atividade mental de elaboração e verificação de hipóteses que encaminhe a descoberta do princípio alfabético.

A partir destes conceitos ressalta-se a importância do ensino das correspondências grafema-fonema de base o qual deve ser feito de maneira direta, mas é preciso saber que este ensino é necessário, porém insuficiente. A prática de leitura permite ao alfabetizando prosseguir e complementar o seu processo de alfabetização por meio de processos de aprendizagem implícita, inconsciente, que são bem mais importantes e valorizados que as estratégias conscientes de resoluções de problemas. Assim, fica claro que as implicações pedagógicas da Ciência Cognitiva de Leitura e do Construtivismo Psicogenético não são as mesmas. É provável que as consequências sociais também não são. Na Ciência Cognitiva da Leitura encontra-se o pensamento de que a explicitação das relações entre a linguagem oral e a linguagem escrita e de modo especial das correspondências grafema-fonema contribuem para a autonomia do alfabetizando. Autonomia enquanto acesso rápido ao auto ensino e a auto-aprendizagem e logo menor dependência às insuficiências culturais educativas no seio escolar e familiar.

Faz-se necessário que todos aqueles que lutam pela alfabetização dos brasileiros estejam informados sobre as descobertas da Ciência Cognitiva da Leitura e tenham possibilidades de refletir sobre elas sem se deixar influenciar pelas posições políticas e ideológicas de um tempo, levando em conta o sucesso de uma nação em tempo de progresso e mudanças.

Há quem acredite que os alunos se alfabetizam sozinhos. O aluno de posse de materiais abundantes e variados de leitura, elabora hipóteses a partir de textos e assim se alfabetiza. Estes entendem a alfabetização como algo natural.

No entanto, para se alfabetizar a criança, o aluno precisa aprender a manejar o código alfabético. Nas últimas três décadas estudos especialmente da neurolinguística e os métodos de análises cerebrais, tais como ressonância magnética, a tomografia por emissão de pósitrons e potenciais evocados tem proporcionado uma nova compreensão sobre como o cérebro é capaz de usar imagens de letras e palavras para ler. A partir destas informações outros estudos realizados no âmbito da Ciência Cognitiva tem apresentado um conhecimento aprofundado sobre as competências que facilitam o processo de alfabetização, as competências da alfabetização e assim as competências que permitem ao aluno alfabetizado compreender o que lê.

A competência central da alfabetização é a decodificação. Para alcançá-la todas as demais são fundamentais. As chamadas de fundamentos (familiaridade com os livros, consciência fonológica e metalinguagem) e requisitos (consciência fonêmica e princípio alfabético) devem anteceder o processo de decodificação. Quanto mais o aluno as dominar melhor será seu processo de alfabetização. As competências chamadas de desenvolvimento envolvem o vocabulário (pistas ortográficas, pistas morfológicas e pistas contextuais) e a compreensão (níveis fonológico, semântico, sintático e contextuais) também estão presentes antes do processo de alfabetização, a habilidade de aprender o vocabulário e compreender textos são decorrentes de suas leituras. Logo é preciso primeiro saber ler para depois então compreender. Quanto mais vocabulário o aluno tem, mais associa a palavra ao sentido, o que contribui para uma melhor fluência leitora e conseqüentemente compreensão de leitura.

Nesse sentido, o contexto familiar no qual o aluno está inserido exerce grande influência no seu desempenho. Na perspectiva de Vygotsky (1984, P.87), "a educação (recebida na família, na escola, e na sociedade de um modo geral) cumpre um papel primordial na constituição dos sujeitos. A atitude dos pais e suas práticas de criação e educação são aspectos que interferem no desenvolvimento individual e, conseqüentemente, influenciam o comportamento da criança na escola". A influência do lar na criança, assim como a influência do meio social mais amplo, é muito grande, principalmente na primeira infância e na adolescência. Estas são as fases críticas do desenvolvimento do ser humano, que sempre requerem um maior cuidado e atenção.

Vários fatores contribuem para o melhor desempenho escolar da criança: entender que educação é o fator mais determinante para o futuro; transmitir o valor que tem a educação para seus filhos; conversar muito com o filho; nas férias manter o hábito da leitura diária, não trocar educação por consumo, dentre outros.

Famílias comprometidas com a educação dos filhos são responsáveis por resultados mais satisfatórios no processo ensino-aprendizagem.

A inclusão tem sido considerada como a peça-chave da política educativa governamental. Diante desse processo, muito tem sido feito para minimizar as pressões de exclusão decorrentes das políticas que, encorajando a competição entre escolas, podem conduzir a uma concepção restritiva do sucesso dos alunos. Segundo Booth e Ainscow (2002) muitas barreiras à aprendizagem e à participação têm origem em contextos sobre os quais as escolas têm muito pouco controle. No entanto, as escolas podem ter e têm um papel a desempenhar. Podem influenciar de forma radical as experiências educativas dos alunos e dos profissionais, desenvolvendo culturas em que cada um é respeitado e em que as políticas e as práticas apoiam todos os alunos a envolver-se no processo de aprendizagem, a colaborar com os colegas e a atingir os melhores resultados.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A competência central da alfabetização consiste na decodificação. Decodificar é apenas o meio para que o aluno identifique palavras automaticamente, com autonomia. Para decodificar o aluno precisa dominar conhecimentos e competências que facilitem a alfabetização.

O que ainda não acontece no Brasil. A maior parcela dos alunos não aprende essas competências chamadas de fundamentos e pré-requisitos nem em casa nem na escola. Logo o Brasil precisa preparar seus alfabetizadores para que os mesmos possam permitir que esses aprendizes de leitores adquiram essas competências antes de iniciarem o processo de alfabetização.

Não oportunizar o desenvolvimento dessas competências, achar que a alfabetização é natural e que é decorrente da mera exposição de alunos a textos, não oferecer aos alunos as ferramentas para lidar com a

linguagem é condená-los ao fracasso. Os resultados do SAEB são exemplos claros, são testemunhos de que é preciso repensar a alfabetização brasileira.

A fragilidade do sistema educacional brasileiro também se estende à instituição familiar que se vê incapaz de melhorar o desempenho das crianças na escola. É preciso que a família busque se interessar pelo que acontece na escola, agindo politicamente, criando rotinas previsíveis e estruturadas em casa, acompanhando o boletim escolar, o comportamento. Um acompanhamento adequado acontece ao estimular a leitura, oferecendo livros, leituras em voz alta, além de um maior controle dos horários para assistir TV e criação de espaço físico e a tranquilidade necessária para os filhos estudarem e fazerem as tarefas de casa.

O trabalho com a diversidade nos leva a compreender que há necessidade de estruturar práticas educativas mais consistentes, que levem realmente à aprendizagem democrática, somente assim haverá inclusão. Para uma escola ser inclusiva deve reconhecer e satisfazer as necessidades diversas dos seus alunos, adaptando-se aos muitos estilos e ritmos de aprendizagem, de modo a garantir um bom nível de educação para todos, através de currículos adequados, de uma boa organização escolar, de estratégias metodológicas adequadas, de utilização de recursos e de uma cooperação com as respectivas comunidades.

5. REFERÊNCIAS

BOOTH, T., AINSCOW, M., Black-Hawkins, K., Vaughan, M. & Shaw, L. (2000). **Índex for inclusion: developing learning and participation in schools**. Bristol: Centre for Studies on Inclusive Education.

CAPOVILLA, A. e CAPOVILLA, F. **Alfabetização e Método Fônico**. São Paulo.: Memnon ;4.ed., 2003.

FERREIRO, E.. **Alfabetização em processo**. São Paulo. Cortez, 1996.

MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa**. Brasília(DF):1997

NÉRICI, I. **Lar, escola e educação**. São Paulo: Atlas, 1972.

OLIVEIRA, J.B. A. **ABC do alfabetizador**. Belo Horizonte: Alfa Educativa ;2.ed, 2004

PARO, V. H. **Qualidade do Ensino: a contribuição dos pais**. São Paulo: Xamã, 2000.

PEREIRA, P. A. **Desafios contemporâneos para a sociedade e a família**. In: Revista Serviço Social e Sociedade. N. 48. Ano XVI. São Paulo: Cortez, 1995.

PORTER, G. L. (1997). **Organização das escolas: conseguir o acesso e a qualidade através da inclusão**. In M. Ainscow, G. Porter e M. Wang, Caminhos para as escolas inclusivas. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional (Comunicação apresentada na Conferência Mundial sobre “Necessidades Educativas Especiais: Acesso e Qualidade”, Salamanca, 4 a 10 Junho, 1994).

SANCHEZ, P. A. (2003). **Perspectives de formation. In Brigitte Belmont et Alette Vérillon Diversité et handicap à l'école. Quelles pratiques éducatives pour tous?** Paris: Institut national de recherche pédagogique (INRP).

STAMPA, M. **Aquisição da leitura e da escrita**. Uma abordagem teórica e prática a partir da Consciência Fonológica. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2009.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.